

MEIAS: UMA PROPOSTA DE INCLUSÃO NO VESTUÁRIO PARA DEFICIENTES VISUAIS

STOCKINGS: A PROPOSAL FOR INCLUSION IN CLOTHING FOR VISUAL DISABILITIES

LETÍCIA ANASTÁCIO DA SILVA¹

LILIAN DAROS PESCADOR²

Resumo: Este trabalho tem como propósito discutir as dificuldades de pessoas com deficiência visual na sociedade, como acessibilidade, educação, vestimenta e saúde. Por meio deste estudo procurou-se entender quais são as maiores dificuldades encontradas no dia a dia do deficiente, relacionadas ao mundo do vestuário. Independente da razão em que a deficiência visual total foi adquirida, é perceptível a falta de produtos criados e desenvolvidos exclusivamente para atender a esse perfil de consumidor. O presente estudo é um olhar diferenciado da moda para essas pessoas. Dessa maneira, torna-se relevante o tema abordado, pois é o início para minimizar algumas dificuldades encontradas e um passo a mais para incluir esse grupo de pessoas na sociedade.

Palavras-chave: Deficiência visual. Vestuário/ Moda. Inclusão.

Abstract: This paper aims to discuss the difficulties of visually impaired people in society. Through this study, we sought to understand what are the greatest difficulties encountered in the daily life of the disabled, related to the fashion world. Regardless of the reason that total visual impairment was acquired, a lack of products created and developed exclusively to meet this consumer profile is noticeable. The present study is a different look of fashion for these people. In this way, it becomes relevant the topic addressed, since it is the beginning to minimize some difficulties encountered and one more step to include this group of people in society.

Keywords: Visual disability. Clothing / Fashion. Inclusion.

1. Introdução

A moda se desenvolveu notavelmente nos últimos anos, atingindo a diversos públicos e

¹ Acadêmica do Curso Superior Tecnológico em Design de Moda (IFSC). Araranguá, Santa Catarina, Brasil. E-mail: letanastacio@gmail.com.

² Mestra em Ciências da linguagem (UNISUL). Docente no Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC). Araranguá, Santa Catarina, Brasil. E-mail: lilian@ifsc.edu.br.

popularizando o padrão estabelecido pelo mercado, porém sem levar em conta como deveria os diferentes corpos e necessidades da população. Mesmo dispondo de avanços nas pesquisas de produtos para a população portadora de deficiência, ainda não se abrangem todas as necessidades desse público, tanto na criação quanto na parte da modelagem, fabricação ou confecção. Embora existam no Brasil algumas marcas direcionadas a atender pessoas com necessidades específicas como os cadeirantes, ainda são escassas as marcas que priorizam a moda inclusiva, especialmente para deficientes visuais.

Concerne ao vestuário suprir as necessidades de vestimentas dos portadores de deficiência ao oportunizar roupas acessíveis, não tendo em vista somente buscar o conforto estético, bem como incluir esse público no meio em que vive. Conforme Grave (2010, p. 45) "As pessoas deficientes têm direito de ter suas necessidades especiais levadas em consideração em todos os estágios de planejamento econômico e social". Com o objetivo de que isso aconteça, notou-se que o bem-estar do deficiente passou a ser um ponto importante de pesquisas, porém, ainda pouco explorado no Brasil.

A partir do momento em que não se apresenta ou desenvolve um dos cinco sentidos, que são: visão, audição, paladar, olfato e tato, os outros afloram com mais vigor, considerando aqui, como foco, o deficiente visual. Assim, discorrem Nunes e Lomônaco (2008) que "a audição, por meio da linguagem, é um sentido fundamental para o cego, pois muito do que ele não vê pode ser entendido pela linguagem". Logo, sabe-se que os deficientes visuais têm o tato, olfato e audição mais potentes. O indivíduo com deficiência visual substitui o que ele não vê por intermédio da linguagem, percebe o mundo por meio de todos os sentidos que não a visão, porém o significado das coisas lhe é apresentado pelas pessoas que os rodeiam, fazendo com que o deficiente visual mude suas percepções do que conhece e do que lhe é apresentado (AMIRALIAN, 1997, p. 63). Desse modo, o deficiente visual, por meio do tato, olfato, audição e paladar encontrou outras formas de enxergar o que os olhos não os mostram, como uma outra forma de linguagem.

O interesse pelo tema deu-se pelo ocorrido com a pesquisadora em maio de 2015. A qual teve perda total de visão durante quinze dias, por conta de uma doença crônica, conhecida como neuromielite óptica, segundo Adoni (2010, p. 22) "é uma doença inflamatória desmielinizante idiopática caracterizada pela junção entre mielite e neurite óptica, fazendo com que o nervo ótico fique inchado e assim anule a visão do paciente". Sendo assim, o portador da doença faz tratamento contínuo, já que ainda não tem cura. Através dessa experiência, surgiu o interesse de entender melhor a deficiência visual, na qual a visão é nula, isto é, ocorre a inibição de qualquer percepção de luz da pessoa envolvida. Através dessas informações, decidiu-se fazer a pesquisa, por meio de contato com pessoas com deficiência visual e constatar o que mais afeta esses sujeitos no vestuário e na moda. Por meio do assunto exposto, o problema de pesquisa dirigiu-se à seguinte questão: De que maneira a moda pode ser mais inclusiva as pessoas portadoras de deficiência visual total?

O objetivo foi desenvolver um protótipo de meias que atenda às necessidades do público com deficiência visual total. O projeto também pretende colaborar no desenvolvimento de meias para o vestuário de deficientes visuais. Além de abordar o tema e conhecer as dificuldades que esse público tem no seu dia a dia.

Esta pesquisa procura promover a valorização da escolha de compra, da autoestima, além da inclusão desses consumidores no mercado de moda. Independente da razão em que a deficiência visual total foi adquirida, é perceptível a falta de produtos criados e desenvolvidos exclusivamente para atender a esse perfil de consumidor, com um produto específico e com características de moda voltadas a suas demandas. Logo, o presente estudo é um olhar

diferenciado da moda para esse público. Dessa maneira, torna-se relevante o tema abordado, pois é o início para amenizar algumas dificuldades encontradas e um passo a mais para incluir esse grupo de pessoas na sociedade.

2. Fundamentação Teórica

2.1. Deficiência Visual

A deficiência visual é uma condição de saúde autorreferida por 3,6% dos brasileiros (Malta et al, 2016). Isso significa que aproximadamente 7,2 milhões de pessoas, sem diferença entre homens e mulheres, apresentam dificuldade visual suficiente para afetar suas atividades triviais.

Segundo Amiralian (1997, p. 22) “as pessoas cegas são portadoras de uma deficiência sensorial – a ausência de visão”, isto é, ocorre a inibição de qualquer percepção de luz da pessoa envolvida. Nunes e Lomônaco (2010, p. 56), complementam que a cegueira é “uma limitação de uma das formas de apreensão de informações do mundo externo - a visão”. Torres, Costa e Lourenço (2016, p. 606) discorrem que cegueira é a perda de visão completa, até a inexistência de projeção de luz. Dessa forma, a pessoa a qual possui a deficiência é privado do sentido da visão e precisa se adaptar ao meio em que vive e criar outras e novas formas de percepção do mundo.

Nesta perspectiva, as pessoas com deficiência visual necessitam utilizar-se de meios não habituais para obterem contato com o mundo ao seu redor, como as pessoas, os objetos e os elementos que as rodeiam, aguçando assim o processo perceptivo do deficiente. De acordo com Nunes e Lomônaco (2008, p. 120), “A cegueira impõe limites, é certo. E exige adaptações, mas se as informações não chegam ao cego pela visão, é justamente pelos outros sentidos que ele tem infinitas possibilidades de conhecer o mundo em que vive”, assim, por meio dos outros quatro sentidos (o tato, a audição, o olfato e o paladar) conseguem enxergar e compreender o mundo a sua volta.

Buscando entender melhor as pessoas com deficiência visual total, objetivo deste trabalho, precisa-se esclarecer sobre a diferenciação entre deficiente visual total congênito e adquirido, o primeiro sendo mencionado por Araújo (2008, p. 11) como “[...] cegos congênitos, isto é, pessoas que nasceram cegas, compreendemos que uma pessoa que nunca enxergou tem uma experiência diferente daquela que ficou cega nos primeiros anos de vida”. Nesse caso, o indivíduo que nunca enxergou não tem lembranças e nem noção de como é o formato das coisas e cores, ele não possui uma memória visual ou imagética.

Por sua vez, sobre o deficiente visual total adquirido, Garcia (2014, p.26) disserta que “[...] os indivíduos com cegueira adquirida são capazes de se recordar das experiências visuais que tiveram antes de perder a visão”; desta forma, herda um legado de lembranças visuais, armazenando essas imagens em sua memória por um tempo que antecede a perda total da visão, sendo naturalmente percebidas e assimiladas.

Sendo deficiência visual congênita ou adquirida, independentemente, deve-se fornecer possibilidades a esses indivíduos, fazendo com que as dificuldades que eles encontram não tornem-se maiores do que são. Dessa forma, o desenvolvimento de produtos voltados aos deficientes visuais são necessários. Segundo o que discorrem Pereira e Cruz (2015, p. 128), “É dever da sociedade providenciar os meios necessários para que as pessoas portadoras de quaisquer deficiências consigam os direitos básicos, adequados para suas necessidades”, ou seja, direito à saúde, à educação e à inclusão social.

Uma outra possibilidade de linguagem para os portadores de deficiência visual, se dá por meio do sistema Braille. Este é um meio de comunicação criado na França por Louis Braille. É constituído por 63 sinais, que se agrupam em duas filas verticais e justapostas de três pontos cada, sendo identificadas com rapidez pelos leitores. A leitura é feita da esquerda para a direita ao longo das linhas (BAPTISTA, 2000). Dessa forma, o portador de deficiência visual consegue, através das mãos, seguindo o sistema braille, compreender uma outra forma de linguagem. Entende, não somente a linguagem, mas também a leitura do mundo em sua volta. Abaixo uma imagem do alfabeto braille.

Figura 1: Alfabeto Braille

A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
••	••	••	••	••	••	••	••	••	••
••	••	••	••	••	••	••	••	••	••
••	••	••	••	••	••	••	••	••	••
K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T
••	••	••	••	••	••	••	••	••	••
••	••	••	••	••	••	••	••	••	••
••	••	••	••	••	••	••	••	••	••
U	V	W	X	Y	Z	Ç	Á	Â	Ã
••	••	••	••	••	••	••	••	••	••
••	••	••	••	••	••	••	••	••	••
••	••	••	••	••	••	••	••	••	••
À	É	Ê	Í	Ó	Ô	Õ	Ú	Û	&
••	••	••	••	••	••	••	••	••	••
••	••	••	••	••	••	••	••	••	••
••	••	••	••	••	••	••	••	••	••
,	;	:	Ponto Final	?	!	Reticências	Travessão		
••	••	••	••	••	••	••	••	••	••
••	••	••	••	••	••	••	••	••	••
••	••	••	••	••	••	••	••	••	••
Hifen	(	)	S/M	S/N	""	*			
••	••	••	••	••	••	••	••	••	••
••	••	••	••	••	••	••	••	••	••
••	••	••	••	••	••	••	••	••	••

Fonte: Rodrigues (2012)

Mesmo o braille sendo uma forma de inclusão e acessibilidade da pessoa com deficiência na sociedade, ainda existem padrões impostos pelo mundo da moda que não foram quebrados. A moda hoje divulga e molda a sociedade em um padrão de beleza e corpo belo, magro, hábil e produtivo, desta forma, exclui as pessoas que não representa a tal padrão. Segundo Alcantara, Silva e Soares (2017, p. 5), "A partir do momento em que uma pessoa fica privada de usar as roupas que gostaria, perde parte da capacidade de expressar a sua personalidade por meio do vestuário". Através da roupa se consegue expressar sentimentos e humor, deixando transparecer sem precisar falar sobre. Pereira e Cruz (2015 p. 129) afirmam que "moda inclusiva é uma proposta para incluir tipos de corpos que a indústria, de hoje, não contempla". Sendo assim, a moda e a modelagem hoje são ferramentas que agregam ao vestuário possibilidades de observar diferentes necessidades na sociedade. Como exemplo, a modelagem na moda pode cooperar com as diferentes deficiências e morfologias do corpo humano. De acordo com Alcantara, Silva e Soares (2017) a ergonomia exerce papel primordial na produção do produto de moda, desde a padronização da tabela de medidas que se deu através da necessidade do mercado. Pois a medida de algumas partes do corpo humano são essenciais para que a roupa se ajuste ao corpo, dando conforto ao

usuário. Sendo assim Pereira e Cruz (2016) discorrem que a modelagem é um método de construção responsável pela construção de peças do vestuário, através de leitura e interpretação do modelo específico. Então a tradução das formas, estudo das silhuetas e dos tecidos fazem com que a peça tenha uma boa vestibilidade.

No caso de pessoas com deficiência visual total, o desejo por se amoldar a um padrão imposto pela sociedade também existe, está interligado a sua deficiência permanente. Nunes e Lomônaco (2010, p. 58) mencionam que “em nosso mundo visual, muitas informações são tratadas como exclusivamente visuais quando, na verdade, não são”. O mundo em que se vive tem a visão como um papel essencial no que se diz respeito ao desenvolvimento humano, onde a ausência de visão tem, muitas vezes, uma dimensão maior do que é realmente. Belarmino (2000, p. 20) discorre que “[...] não há como afirmar: “a visão é uma forma de cegueira”, mas antes, “a visão que os homens têm a respeito da cegueira é também uma forma de visão”, essa forma de visão, tanto pode servir para “juntar” as diferenças como para apartá-las”. Compreender e valorizar essa deficiência é uma tarefa que deve ser feita por toda a sociedade, não apenas pelo grupo de indivíduos cegos e apoiadores desta causa.

Para a diminuição de todas as formas de preconceitos em relação aos indivíduos com deficiência, é necessário analisar a relação com o nosso corpo e com nossas deficiências, de modo a mudar o estigma, concretizando uma mudança não somente nas definições, mas na gramática e na compreensão da sociedade. (AMIRALIAN, 2000). Segundo Dal Bosco, (2014, p. 2) “a pessoa com necessidades especiais fisicamente não é diferente psicologicamente, ela tem os mesmos desejos de auto aceitação e aceitação perante a sociedade”. Tendo, assim, os mesmos direitos e valores, dentro da sociedade, que todas as pessoas têm. Entende-se que dessa maneira os deficientes estarão em outro nível de liberdade e autonomia em suas relações com o mundo.

Nesse viés, o universo da moda instaura um elo de sociedade, porém ao mesmo tempo induz as pessoas a terem autonomia e multiplicar suas diferenças individuais, de esvaziar os princípios sociais, de dissolver a singularidade dos modos de vida e das opiniões (LIPOVETSKY, 1989). As pessoas querem pertencer a um grupo determinado, e querem se destacar ao mesmo tempo, incluir-se na sociedade ser “igual” é o que quase todos os indivíduos desejam, uma uniformização de grupo, de pessoas na moda. Como discorrem SOUZA e ÖELZE, (1998, p.163) “As formas sociais, a vestimenta, os julgamentos estéticos, o estilo por inteiro, por meio do qual o homem se expressa, são percebidos na sua modificação progressiva por meio da moda”, ou seja, ao mesmo tempo que a moda junta, ela divide as pessoas em grupos.

Com a finalidade de incluir esses indivíduos na sociedade, foi criada a chamada inclusão social que faz com que o deficiente tenha acesso a seus direitos como cita Maciel (2000, p. 54) “[...] as pessoas com deficiência possuem necessidades educativas especiais”. Saber desenvolver o potencial dessas pessoas dentro da sala de aula e não só ir passando o aluno de ano, sem o aprendizado necessário, contribui para a inclusão destes junto à sociedade. Maciel (2000, p. 54) ainda comenta que “o princípio fundamental da sociedade inclusiva é o de que todas as pessoas portadoras de deficiência devem ter suas necessidades especiais atendidas. É no atendimento das diversidades que se encontra a democracia”.

Na próxima seção, daremos mais atenção a um assunto que está associado a compulsão que envolve tanto homens quanto mulheres e que está presente no nosso dia a dia.

3. Consumo

Consumo é um assunto importante de ser mensurado pois todas as pessoas tem direito de

consumir, independente de deficiências. Habitualmente o consumo é associado à compulsão e a gastos inúteis, esse conceito se dá a onipotência dos meios de massa, que instigam as massas a consumir certos produtos, conforme descreve Canclini.

Ainda há quem justifique a pobreza alegando que as pessoas compram televisores, videocassetes e carros enquanto lhes falta casa própria. Como se explica que famílias que não tem o que comer e vestir durante o ano, quando chega o natal dissipem o pouco a mais que ganham em festas e presentes? Será que os adeptos da comunicação de massa não se dão conta de que os noticiários mentem e as telenovelas distorcem a vida real? (CANCLINI, 2010, p. 59).

Sendo assim, existe uma censura, mesmo que oculta, sobre o consumo e perda de tempo que esses indivíduos de classe baixa consomem com o entretenimento. No entanto, acredita-se também que todas as classes sociais são influenciadas de alguma maneira por esse meio de entretenimento, não priorizando somente as classes mais baixas.

Reconhecendo o consumo como prática social, Valentim (2015) discorre que o ato de consumir engloba distintas consequências culturais, que reforçam significados estabelecidos. Para Canclini (2010 p. 60) "o consumo é o conjunto de processos socioculturais em que se realizam a apropriação e dos produtos". Consequentemente, consumir é algo maior que o simples exercício de compras impensadas, comprar por impulso, as pessoas costumam comprar mais do que necessitam, ao contrário do que as pesquisas de mercado costumam expor. Ter, ou deixar de ter, coisas materiais afeta a vida das pessoas, e como esses produtos influem nas emoções das pessoas mediante elas mesmas, assim o comportamento de consumo se torna mais que um simples ato de efetuar a compra. Assim, o consumo é uma maneira de transformar desejos em buscas e em atos socialmente comedidos. Para Canclini (2010) o consumo deve ser utilizado para se pensar. É um processo de desenvolvimento dos conceitos, onde os desejos se transformam em ações dentro da sociedade fazendo com que o indivíduo efetue a compra de objetos e atribua funções na comunicação com outras pessoas.

Conforme Miranda (2008, p.55) "A aquisição e o uso de roupas é uma forma, cada vez mais aceita, de expressão individual. Por meio da moda e da indumentária os indivíduos podem diferenciar-se como tais e declarar alguma forma de singularidade". Se compreendermos que o consumo de roupas é mais que a compra de um produto, sendo também uma forma de aquisição fazendo com que a pessoa tenha voz de escolha do objeto adquirido em uma loja por exemplo. Para tanto supõe-se que a "função essencial do consumo é a sua capacidade de dar sentido". (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2006, p. 108). Assim, entendemos que este "sentido" citado pelo autor, consiste na satisfação pessoal da necessidade intrínseca de possuir objetos ou serviços, e transmitir através destes uma "identidade" de pertencimento. Dessa forma, o ato de pertencimento possui uma ligação profícua com o consumo, pois há um elo de ligação entre pertencer a um determinado grupo ou determinada sociedade, através dos bens que consumimos.

Segundo De Souza, Sohn e Rodrigues (2017, p. 38) "O consumo de moda acontece pela necessidade de expressar e pela necessidade de se sentir aceito dentro de um grupo social". Normalmente os consumidores que mais investem em moda são os jovens, sendo considerados seguidores de moda, pois o consumo globalizado hoje faz com que a internet seja um meio de ditar tendências, através dos blogueiros por exemplo.

Na próxima seção, será apresentado um artigo de vestuário utilizado por todas as pessoas e que direciona esta pesquisa para um olhar mais aprofundado para este segmento aos portadores de deficiência visual, no que tange à moda.

4. Meias

As meias podem ser consideradas como um elemento significativo no vestuário, tendo como funcionalidade a proteção e o conforto dos pés. Após o surgimento da poliamida, uma fibra sintética, em 1935 houve uma grande renovação na história das meias. Segundo Penas, Júnior e Sanches (2017, p. 2) “no dia do lançamento das meias finas de poliamida, 15 de maio de 1940, nada menos do que 4 milhões de pares foram vendidos nos Estados Unidos”. Fazendo com que a poliamida tivesse extrema importância no conforto e ajuste das meias, assim como também em vários outros artigos do vestuário, assim para melhor entendimento exemplificamos: as blusas, as calças, os cobertores, as lingerie, entre outros.

Seja feita pela utilização de apenas uma fibra ou pela mistura de fibras, as meias precisam ser confortáveis e transpirantes, para o conforto do consumidor. Como discorrem Penas, Júnior e Sanches (2017, p. 4) “a seleção correta da matéria-prima, por exemplo, é de fundamental importância para a determinação da qualidade, eficiência e adequação do produto final, como também para a garantia do conforto e bem-estar do usuário”. As meias que se encontram no mercado hoje são consideradas acessórios de moda, sendo bastante trabalhadas em diversas cores, desenhos e textura dos fios, fazendo com que as indústrias do setor invistam em maquinários atualizados. Sabe-se que existem vários tipos e modelos de meias, além das que se usa habitualmente. Elas são utilizadas de uma maneira diferente na prática de esportes, também nos casos ortopédicos, entre outros. Além do mais, há as meias com ações bacterianas, meias com sola, meias antiderrapantes, bem como as meias térmicas, entre outros modelos encontrados no mercado. As meias elásticas, por exemplo, são utilizadas no tratamento terapêutico como discorrem Figueiredo, D. Filho e Cabral (2004, p. 232) “as meias elásticas foram aperfeiçoadas, pois a compressão máxima é exercida no tornozelo e vai decrescendo em direção à coxa. O gradiente de compressão é utilizado em toda meia elástica terapêutica, orientando o fluxo sanguíneo do membro”, sendo utilizadas no tratamento de insuficiência venosa. Esse artigo do vestuário, como se pode ver, é utilizado em vários casos, isso faz pensar por que não utilizar as meias na inclusão de deficientes visuais também? Para isso, lança-se mão de modificações nas meias com vistas a contribuir para o dia a dia dos portadores de deficiência visual.

5. Metodologia

O presente estudo se caracteriza como uma pesquisa de campo, exploratória e qualitativa. Após a revisão bibliográfica foi desenvolvido uma entrevista aberta semi estruturada, aplicado com um deficiente visual do município de Araranguá.

A metodologias utilizadas nesse projeto foram a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo, exploratória e a aplicação de uma entrevista aberta semi estruturada que apontam os maiores problemas relacionados a quem possui a deficiência visual.

6. Resultados

O questionário foi aplicado em um portador com deficiência visual total da cidade de Araranguá-SC. Hoje ele está com cinquenta e nove anos e perdeu sua visão em um acidente quando tinha dezesseis anos. Desde então, teve que aprender a viver com essa deficiência. Este sujeito se enquadra na deficiência visual adquirida, pois nasceu com o sentido da visão e ao longo da vida perdeu através de um acidente, por tanto possui memória das coisas e objetos que estão a

sua volta.

Por meio deste estudo, procurou-se entender quais são as maiores dificuldades específicas encontradas no dia a dia do deficiente, relacionadas ao mundo do vestuário e da moda, aplicando, em princípio uma entrevista informal, para conhecer melhor o portador de deficiência visual. Foi possível observar que para atender a esse público específico, o mercado de moda precisa se adaptar e investir no segmento de moda inclusiva. O design sensorial e a moda inclusiva, se atrelados, podem contribuir como um novo meio de linguagem para o deficiente visual. Também o uso do Braille, por exemplo, possibilita melhor entendimento do indivíduo por meio do vestuário, gerando um sistema de significações, fazendo com que o acesso aos produtos de moda se torne menos desigual e mais sinalizador aos sentidos dos deficientes visuais. Com a intenção de oportunizar, assim, uma escolha de produtos do vestuário que solucionem, de uma certa forma, a inclusão social.

Nessa entrevista, o deficiente visual relatou à pesquisadora que a escolha de que roupa usar é difícil, pois não consegue distinguir os modelos e as cores das peças, não conseguindo combinar o que vestir. Assim como achar direito e avesso da peça, etiquetas, botões e golas servem como referência, mas ainda é complicado, pois as etiquetas não estão sempre posicionadas no mesmo local em todas as peças. Por tanto, ele precisa do auxílio da sua esposa na hora de escolher que roupa usar. Conhecendo essas dificuldades, foi questionado, logo após, qual de todas as peças era a mais complicada de perceber, sentir ou reconhecer o lado. E qual a mais difícil, segundo o entrevistado, de vestir. Ele relatou que o mais difícil na questão de vestuário eram as meias, pois saber onde fica o calcanhar não era uma atividade fácil. Ele utiliza o método de vestir a meia na mão, achando assim o calcanhar e só após consegue colocar nos pés. Assim, percebeu-se nas meias uma dificuldade maior no ato de vestir e, dessa forma, foi direcionada esta pesquisa para um olhar mais cuidadoso e privilegiado a este artigo do vestuário, aos portadores de deficiência visual como uma forma de inclusão social.

De acordo com as características e necessidade identificadas na pesquisa, surgiu a ideia de criar uma meia inclusiva. Refletiu-se, nesta pesquisa, sobre como e em qual localização colocar uma identificação na meia para servir como auxílio para diferenciar frente e costas. Primeiramente foi pensado em alguma etiqueta que pudesse localizar as costas da meia, porém logo foi descartada a ideia, pensando que a etiqueta poderia causar desconforto na pessoa que a usaria. Logo após foi pensado em utilizar algum bordado somente com linha para a identificação, mas também foi descartada, pois não alcançaria o objetivo desejado de toque. Outra ideia seria utilizar do setor de estamparia, uma estampa em alto relevo usando para tal feito a técnica de puff, que consiste em utilizar uma pasta específica para o processo e após estampar secar em alta temperatura fazendo com que a pasta estampada fique em alto relevo, como o tempo era curto para este feito, a mesma também foi descartada. Dessa forma, encontrou-se uma outra forma mais rápida e descomplicada para solucionar a localização nas meias do calcanhar. Dessa maneira, criamos um protótipo a ser aprovado pelo deficiente. Foram colocadas duas bolinhas no cano da meia, feitas a princípio com cola quente, na parte de trás da mesma. O protótipo foi aprovado pelo usuário, que aprovou a ideia e segundo ele, aquelas duas bolinhas em braille significam a letra "C" do alfabeto oficial da língua portuguesa. A mudança na meia foi facilmente percebida e encontrar frente e costas se tornou mais fácil. Ainda, o deficiente relatou que a textura do símbolo era bem saliente e de fácil acesso, importante destacar-se, neste momento, que o protótipo não causaria nem um tipo de lesão às pernas ou aos pés. Abaixo, a Figura 2 demonstra o protótipo desenvolvido com base nas diretrizes obtidas com a pesquisa bibliográfica e a de campo.

Figura 2: Protótipo



Fonte: a autora (2018)

É importante ressaltar que o protótipo de vestuário apresentado foi testado pelo usuário, o que possibilitou maior assertividade e adequação ao propósito do estudo. De forma geral, o produto apresenta características táteis, alto relevo e representação de uma letra do alfabeto Braille, que possibilita o entendimento rápido de onde se encontra a parte das costas da meia na hora de vesti-la.

Por meio deste protótipo, foi possível perceber os benefícios que ele traz na vida do deficiente visual, fazendo com que a pessoa tenha autonomia na sua escolha e não precise depender de outras pessoas na hora de se vestir, gerando, assim, funcionalidade e diminuição do tempo empregado na tarefa de vestir, facilitando seu dia a dia e criando uma nova forma de inclusão na sociedade, tão importante nos dias atuais.

7. Conclusão

Por meio do conceito de Amiralian, compreendeu-se que a cegueira é a ausência de visão, uma limitação da apreensão do mundo. Observou-se, também, que consumo para Canclini é algo para se pensar, sendo um conjunto de processos socioculturais que realizam o processo de compra de produtos. E então ancorados nos autores Penas, Júnior e Sanches, relataram-se os tipos de meias e suas matérias primas. Através da pesquisa, constatou-se que a utilização da sensibilidade tátil nos materiais de confecção são importantes para uma melhor comunicação de usuário com o produto, fazendo com que possa haver o poder de escolha de produtos que lhes agradem e

satisfaçam suas necessidades.

Dessa forma, o estudo propiciou compreender sobre a deficiência visual e sobre a necessidade de produtos de moda e vestuário voltados ao público com essa deficiência. Demonstrando, também, a receptividade à criação de produtos de moda voltados a deficientes visuais por esse público específico. É relevante ressaltar que, de acordo com a pesquisa de campo e as entrevistas informais, o produto desenvolvido agrega mais facilidade e funcionalidade na vida do deficiente, pois com a identificação do produto não será mais necessário o auxílio de terceiros na hora de vestir suas meias.

Sendo assim, a pesquisa contribuiu e contribui para um maior entendimento, discussão e aprofundamento sobre o tema e sobre o público. Afirmando que é necessária a ampliação desse mercado, expandindo o desenvolvimento de produtos com o foco no público com deficiência visual, obtendo disponibilidade de produtos voltados para o mesmo, possibilitando privacidade de escolha e independência, satisfazendo, dessa forma, as necessidades diárias das pessoas com deficiência. A efetiva inclusão da pessoa com deficiência compreende o mesmo estar incluído como um todo na sociedade, seja através da moda, do vestuário ou de outros setores, a fim de facilitar seu dia a dia. Assim, percebe-se a relevância em criar peças adequadas e com características específicas às necessidades de pessoas com deficiência visual total, ainda este artigo pode contribuir para outros estudos sobre o público elencado em outros segmentos de moda ou vestuário. Dessa forma, propôs-se uma implantação das meias no mercado consumidor, com a mesma característica do protótipo apresentado nesta pesquisa ou mesmo com outros melhoramentos, como uma forma de inclusão social desses deficientes. Pode-se, também, se ramificar para outros artigos de vestuário, como também para outras deficiências.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a todas as pessoas que me fizeram chegar até aqui, família, amigos; àquelas que não me deixaram desistir em todas as vezes que eu tentei, àquelas que me ajudaram em tudo que foi possível, àquelas que estão sempre comigo e também àquelas que se perderam no caminho, mas que de alguma maneira estão voltando. Meu sincero obrigada!

Referências

ADONI, Tarso. **Neuromielite óptica recorrente: aspectos clínicos, imunológicos e imagenológicos**. 2010. 131 f. Tese (Doutorado) - Curso de Neurologia, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: < file:///D:/Downloads/TarsoAdoni.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2018.

ALBAGLI, Sarita. **Conhecimento, inclusão social e desenvolvimento local**. Ibict, Brasília, v. 2, n. 1, p.17-22, abr. 2006. Disponível em: <file:///D:/Downloads/1514-2203-1-PB.pdf>. Acesso em: 28 maio 2018.

ALCANTARA, Ana Claudia; SILVA, Profº Dr. Adilson da; SOARES, Andressa. **A moda e os portadores de acondroplasia: um estudo comparativo através da modelagem de calça**. 2017. 11 f. 5º Congresso Científico Têxtil e Moda, São Paulo, 2017.

AMIRALIAN, Maria Lúcia Toledo Moraes. **Compreendendo o Cego: uma visão psicanalítica da cegueira por meio de desenhos-estórias**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997. 327 p.

ARAÚJO, Renata Dias Henriques de. **Reflexões sobre a constituição do eu corporal em cegos**

congenitos. 103 f. 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica), Universidade Católica de Pernambuco. Recife, 2008. Disponível em: <http://www.unicap.br/tede/tde_arquivos/1/TDE-2008-08-05T160947Z-184/Publico/RENATA%20DIAS%20H%20ARAUJO.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2018.

BAPTISTA, José Antônio Lages Salgado. **A invenção do Braille e a sua Importância na Vida dos Cegos.** Cruz Quebrada: Gráfica 2000, 2000. 9 p.

BELARMINO, J. **O que vê a cegueira.** Revista Benjamin Constant, Rio de Janeiro, ano 6, n. 16 p. 18-20, 2000.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e Cidadãos.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.

DE SOUZA, Maria Elisa; SOHN, Ana Paula; RODRIGUES, Renato Buchele. **Consumo de Moda.** Revista Synthesis Letras Educação e Humanidades. v. 2, n. 1, p. 33-44, jul. 2017. Disponível em: <<http://ojs.unifacvest.net/synthesis/index.php/synthie/article/view/5>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

DAL BOSCO, Glória Lopes da Silva; **Moda Inclusiva:** Uma análise estética e funcional. 2014. 10 f. 10º Colóquio de Moda, Caxias do Sul, 2014.

DOUGLAS, M.; ISHERWOOD, B. **O Mundo dos bens:** para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004. ora UFRJ, 2004.

FIGUEIREDO, Marcondes A. M.; D. FILHO, Augusto; CABRAL, André L. S. **Avaliação do efeito da meia elástica na hemodinâmica venosa dos membros inferiores de pacientes com insuficiência venosa crônica.** J Vasc Br, Brasil, v. 3, n. 3, p.231-237, ago. 2004. Disponível em: <<http://meiaelastica.com.br/pdf/artigo.pdf>>. Acesso em: 28 maio 2018.

GARCIA, Mário Rui Sanches. **Cegueira Congénita e Adquirida:** implicações na saúde mental e resiliência. 2014. 129 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Escola de Psicologia e Ciências da Vida, Lisboa, 2014. Disponível em: <<http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/6424/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20-%20M%C3%81RIO%20RUI%20SANCHES%20DA%20COSTA%20GARCIA.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

GRAVE, Maria de Fátima. **A moda-vestuário e a ergonomia do hemiplégico.** São Paulo: Escrituras, 2010. 126 p.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero:** a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Cia. Das Letras, 1989.

MACIEL, Maria Regina Cazzaniga. **Portadores de deficiência:** a questão da inclusão social. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 1, n. 1, p.51-56, jan. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v14n2/9788.pdf>>. Acesso em: 28 maio 2018.

MIRANDA, Ana Paula. **Consumo de moda:** Relação pessoa-objeto. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008..

NUNES, Sylvia da Silveira; LOMÔNACO, José Fernando Bitencourt. **Desenvolvimento de conceitos em cegos congênitos: caminhos de aquisição do conhecimento.** Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (Maringá). Vol. 12, n. 1: 119-138, Jan./Jun. 2008. p. 119-138. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pee/v12n1/v12n1a09.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2018.

NUNES, Sylvia; LOMÔNACO, José Fernando Bitencourt. **O aluno cego: preconceitos e potencialidades.** Psicologia Escolar e Educacional, Campinas, v. 12, n. 1, p. 55-64, jun. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572010000100006&lang=pt>. Acesso em: 22 abr. 2018.

PENAS Pauline Pontes, JÚNIOR Dib Karam, SANCHES Regina Aparecida. **Fabricação de meias esportivas:** matérias-primas e tecnologias. 2017. 6 f. 13º Colóquio de Moda, São Paulo, 2017.

Disponível em: < <http://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202008/42456.pdf>>. Acesso em: 15 mai. 2018.

PEREIRA, Andrea; CRUZ, Maria Alice Ximenes. **Moda Inclusiva:** a necessidade da moda inclusiva no mundo de hoje. 2015. p.125-150 TCC (Graduação) - Curso de Tecnologia Têxtil, Fatec Americana, Americana - Sp, 2015.

RODRIGUES, Adriana Maria. Alfabeto Braille. 2012. Disponível em: < <http://clinicadeolhosmodelo.blogspot.com/2012/06/alfabeto-braille.html>>. Acesso em: 28, mai. 2018.

RODRIGUES, Maria Rita Campello. **Mosaico no tempo:** uma inter-ação entre corpo, cegueira e baixa visão. Rio de Janeiro: Instituto Benjamin Constant, 2014. 236 p.

SOUZA, Jessé e ÖELZE, Berthold. **Simmel e a modernidade.** Brasília: UnB. 1998. p. 161-170.

TORRES, Josiane Pereira; COSTA, Carolina Severino Lopes da; LOURENÇO, Gerusa Ferreira. **Substituição Sensorial Visuo-Tátil e Visuo-Auditiva em Pessoas com Deficiência Visual: uma Revisão Sistemática.** Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, v. 22, n. 4, p.605-618, Out./Dez. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbee/v22n4/1413-6538-rbee-22-04-0605.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2018.

VALENTIM, Anamélia Fontana. **Cidadania e Experiência de Consumo:** uma aproximação com o conceito de partilha do sensível. 5º Enpmoda - Encontro Nacional de Pesquisa em Moda, Novo Hamburgo, 2015. p. 15.